

* O GRANDE MENTECAPTO: ELEMENTOS PICARESCOS E SUA SUPERAÇÃO

Maria Eunice Arruda

Analisando *O Grande Mentecapto*, encontramos vários elementos coincidentes com o gênero picaresco. Na própria organização ou apresentação dos capítulos, o livro já imita os primeiros romances: os capítulos que o compõem são introduzidos pelos resumos dos fatos acontecidos ao longo de cada aventura da personagem.

A razão da narrativa se dar em terceira pessoa e não em primeira — o que era comum na picaresca clássica — justifica-se no fato da história tratar da vida e morte da personagem principal. Por outro lado, o uso da terceira pessoa poderia ser perfeitamente explicada na demência de Viramundo que é uma personagem totalmente incapaz de compreender o que se passa dentro de si e ao seu redor. Sua realidade é a imediata, sem passado em que possa ser explicada e sem planos futuros que lhe possibilitem reconhecer uma unidade em sua vida. Por esse motivo, Viramundo é também um ser interiormente fragmentado que vai fragmentar, desrealizando, a própria realidade histórico-social. Note-se que nas passagens relativas à encenação da Inconfidência Mineira, bem como naquelas de seu programa político, ele cria um clima de “desequilíbrio lógico” ao deformar a ordem histórica e social já estabelecidas.

Se o homem só se explica dentro da História e a própria História dentro do encadeamento dos fatos que a compõem; e se, paradoxalmente, é esta mesma verdade histórica que cercea o homem, submetendo-o e impondo-se a ele, então, Viramundo, enquanto ser anormal, fragmentário e descompromissado, é a-histórico. Exemplo máximo encontramos em sua interpretação de Tiradentes: entrando em cena, Viramundo destrói a falsa força gritando: “Ninguém mais será enforcado!” Note-se que ele não diz “Tiradentes não será enforcado!”, e sim “ninguém mais”. “Restaure-se a verdade histórica!”, continua

gritando. Queria dizer que aquele feito foi uma infâmia, uma traição sem nome, e como tal deveria ser representado para melhor ser riscado do nosso presente. Então, coerente em sua alucinação, ele proclama um "glória aos inconfidentes". Conclui bem, pois se hoje eles são gloriosos, assim deveriam ser representados; e não traídos e enforcados, não com aquele cenário de fracasso que merecia ser destruído. (Ninguém o entendeu. Salvo o cego Elias, que não vendo o cenário de aparências desfazer-se sob as bordoadas de Viramundo, aplaudiu com entusiasmo a cena real que as palavras do amigo traduziam).

No episódio desta peça teatral sobre a Inconfidência, percebemos uma crítica à História, que está incorporada à sátira social. Para Viramundo, a glória de Tiradentes pertence ao mundo de hoje, a um povo livre da monarquia colonialista; liberdade conquistada (com o fracasso de ontem), pelo ideal dos inconfidentes. Reviver o enforcamento — deslocamento do tempo histórico — é glorificar um fracasso.

Viramundo é um ser descompromissado com todos os valores da sociedade; é um ser autônomo, que só uma vez desconfiou nebulosamente, ser "uma criação alucinada de alguém ainda mais louco a divertir-se com sua loucura". (p. 160) Mas nem por isso deixaria de ter existência real, já que seu criador — o narrador implícito — reconhece nele "sua verdadeira natureza", "sua melhor razão de existir"; aquele que um dia haveria de rebelar-se dentro de si próprio. Numa maravilhosa passagem da página 188, feita à maneira das "tirades" teatrais e de monólogo interior, o autor implícito, transformado em personagem, revela seu caráter picaresco ao identificar-se com Viramundo, criação e projeção de seu desejo anárquico. Assim, *O Grande Mentecapto* aproxima-se ainda mais do gênero picaresco. É que descobrimos em sua narração uma primeira pessoa disfarçada em terceira, o que faz com que esta narrativa passe a assumir o caráter confessional. Mas, à diferença do pícaro clássico, o autor confessa, não suas aventuras vividas, mas as que espera viver um dia quando nele surgir o Viramundo "enfim liberto, poderoso na sua fragilidade, terrível na pureza de sua loucura" (p. 188) O narrador transgride, então, a norma clássica da picaresca, ao fazer a confissão do que um dia vai acontecer e não do que já havia acontecido, como dita a regra... e a lógica. Uma transgressão, que afinal não é mais que uma atualização, pois não deixa de identificar-se outra vez com o gênero, uma vez que faz seu relato assumir este caráter confessional.

O Grande Mentecapto é um livro que provoca risos. E, segundo Bakhtin, como se sabe, o riso pertence à própria crise, aos processos propriamente ditos de mudanças; mudança de poderes e verdades, mudança da ordem social. "No ato do riso carnavalesco combinam-se morte e renascimento, a negação (ridicularização) e a afirmação (jú-

bilo). Até a paródia sacra foi permitida na Idade Média, sob a cobertura da liberdade legalizada do riso”.

No atual contexto sociocultural brasileiro, um sem-número de analfabetos e miseráveis sobrevive sob o jugo de uma política inadequada que desde sempre lhes impôs uma cultura de valores importados. Para este povo que sempre viveu uma história de submissão desde seus primeiros dias, nada mais lógico do que o surgimento e a solidificação de uma sociedade carnavalesca. E numa sociedade constituída de alienados, a loucura é o único meio de se resgatar a verdade. É nesse país do carnaval que nasce Viramundo. Movimentando-se na grandiosa praça pública brasileira ele atua entre palhaços e mascarados. Em meio a essa gente que finge a normalidade do dia-a-dia comum, Viramundo vive a orgia de seu mundo invertido que desmascara para renovar o sentido da vida. Mas durante toda a ação a personagem permanece como que inconsciente das transformações que provoca externamente e das que acontecem em seu interior. Apenas tem uma vaga sensação, nunca totalmente compreendida, de que algo está errado, de que as coisas não têm sentido. Sua ingenuidade infantil, sua quase-loucura, não deixa aflorar no consciente a razão de ser de sua tristeza, da solidão, do abandono de que se vê cada vez mais possuído. Adequa-se, então, às personagens alienadas e narcisistas analisadas por Arnold HAUSER:

“Todas ellas tienen en común que obran al márgen de la realidad, que viven al márgen de la vida y que, encarceladas en los límites de su yo, viven una existencia ficticia y están como aisladas del ser real. Su yo está conformado de tal suerte, que les ahorra todo contacto directo con la realidad y contiene o cree contener un sustitutivo para todo lo que se da en la realidad”. *

Fundamentando ainda a loucura de Viramundo na análise de Hauser, compreendemos o processo de alienação e narcisismo vivido por nossa personagem no decorrer e no desenlace final de sua correspondência amorosa com Marília Ladisbão: “El narcisista sustituye la realidad por una ficción en cuyo centro está él mismo y se mueve en este mundo ficticio sin preocuparse por la verdad ni verse asaltado por dudas, porque no quiere ni puede examinar la certidumbre de los caminos que recorre. El narcisismo significa así, en el último término, una crisis del sentido de la realidad y la pérdida del objeto del amor arrastra consigo la pérdida de toda realidad exterior.” *

Quanto a Viramundo, o conhecimento e aceitação da verdade de que as cartas de sua amada não passavam de uma farsa dos estudantes de Ouro Preto, o levaram a uma crise cada vez mais profunda de desengano e de solidão. Ora, solidão e desengano são os primeiros sintomas do pícaro clássico. Sintomas esses que degeneravam sempre numa degradação progressiva dentro de uma sociedade profundamente

demarcada e ideologicamente maniqueísta. Mas na nossa sociedade brasileira, mais caracterizada pelas "mésalliances" carnavalescas, não há sequer lugar para projetos de ascensão social como indicadora de caminhos. Aqui impera a loucura que é o estado das coisas. Enquanto louca, não poderá tão pouco existir na nossa personagem esse processo de integração social que se constata no pícaro clássico ao se degradar para identificar-se com a sociedade. Em Viramundo não há degradação e sim uma constante e inabalável pureza de espírito e de ações. Conseqüentemente não haverá aprendizagens nem tomadas de consciência. O louco é um eterno inconsciente, um ser sensorial que atua sempre gratuitamente a ponto de se transformar num ultra-herói de causas absurdas. E as causas consideradas absurdas pela lógica realista não parecem tão estranhas ao romanesco. Assim, tal como D. Quixote, Viramundo tem muitos pontos coincidentes com o herói romanesco. No tema romanesco, por exemplo, a mutilação e a morte são o preço da sabedoria e do poder. Viramundo, massacrado e morto, havia possuído sabedoria e poder através da verdade evangélica de que se considerava detentor.

O conflito é o tema da estória romanesca e é fundamentado numa série de aventuras maravilhosas. Aqui temos o conflito Viramundo x Sociedade; mas na nossa história o maravilhoso cede lugar ao realismo, através das interferências do autor. Ilustramos nossa afirmação com o episódio do cavalo tordilho. É que após o inverossímil "obrigado, Viramundo", pronunciado pelo cavalo, o autor intervém para rechaçar a possibilidade de interpretação do fato pelo realismo mágico. Explica-se pela lógica contundente da metáfora: já vira na vida muitas cavalgaduras "bem-falantes". (p. 139)/Recupera, assim, a coerência interna da narrativa, que, sendo realista, não tem nada de mágica ou fantástica. O "caráter" picaresco do cavalo — que a imaginação de Viramundo transforma em personagem humanizado — encontra seu similar no caráter do próprio narrador.

Analisando D. Quixote, Hauser fala de como a loucura pode ser heróica e de como o heroísmo pode parecer loucura. Assim é Viramundo: um louco que tal qual D. Quixote transformou-se em símbolo do heroísmo e da pureza de coração. Principalmente nisso eles se distinguem do pícaro clássico. Mas encontram-se todos na mais lídima aspiração humana que é a liberdade: ainda que seja a alucinada liberdade de proteger donzelas já não mais desamparadas; nem que seja a humilde aspiração ao desejo de "ir e vir" livremente.

Numa retomada esquemática geral da universalidade desta obra, podemos dizer que ela se desenrola ou se equilibra numa atmosfera existencialista cristã. Esta constatação nos parece inegável. O que lemos n'*O Grande Mentecapto* é uma grandiosa paródia modernizada do cristianismo. O livro que tem como tema a inocência evangélica,

inicia-se com uma citação de Mateus: "Todo aquele que se fizer pequeno como este menino, este será o maior no reino dos Céus. Mt. 28,4" (p. 7) Seu desenrolar está permeado de citações bíblicas, às vezes coerentes, às vezes intencionalmente impróprias para as situações. Em suas aventuras e desventuras, a personagem vive atualizações desastrosas das principais passagens evangélicas. O autor usa imagens do Evangelho para anunciar os fracassos de sua personagem como: "Antes de bater o pé das sandálias e deixar a cidade..." (p. 76) Alusão direta aos ensinamentos de Jesus aos seus discípulos de como agir quando não fossem bem recebidos numa cidade ou ali, não tivessem sucesso.

Até o Antigo Testamento se encontra aqui representado na personalização dos profetas do Aleijadinho. As personagens de pedra dos profetas aqui se animam e se humanizam na imaginação alucinada de Viramundo que os interpela, parodiando suas ações, falando com eles — ou fazendo eco às suas falas — reinventando-os enquanto personagens vivas e já não seres históricos. O narrador de *O Grande Mente-capto* fundamenta nosso ponto de vista ao colocar os profetas no epílogo de seu livro, onde conta do destino das personagens que participaram das aventuras do protagonista.

Também não acreditamos ser forçoso ver uma aproximação das ladainhas em que se invocam os diversos nomes de Nossa Senhora, com os apelidos da personagem, tal é a semelhança gráfica e rítmica em que são dispostos no texto (caráter judaico — picaresco).

Finalizando, temos a paródia da Paixão e Morte de Jesus, em todas as suas principais seqüências: a agonia, o abandono dos discípulos, os soldados, a aceitação do martírio em lugar dos verdadeiros culpados, a morte pela lança aos trinta e três anos de idade e o madeiro (árvore na qual Viramundo é amarrado). Tudo está lá, mesmo a desolação dos amigos com o corpo morto nos braços. E complementando o que chamamos de intencionalidade do autor, o encerramento do livro na linguagem litúrgica: "Deo Gratias".

Mas tudo isso é simbólico. O que ali vemos concretamente, é uma personagem louca invertendo a ordem do mundo, como tantos já o fizeram. Após obter esse "monde à l'envers", desequilibrando-o, desconotizando-lhe o sentido da ordem político-social, o herói tem que, por força, sofrer as conseqüências do caos que provoca.

Para D. Quixote, como para outros tantos que o imitaram, a única saída foi a morte; morte por desengano ou por aceitação de uma realidade insuportável; morte intencionalmente suicida como algumas personagens de autores como Unamuno, Camus ou Gide. Mas Viramundo, que não saiu de seu estado de semi-inconsciência, de sonambulismo, ele não conheceu esse desejo de morte no final de sua exis-

tência. Ela se concretizará pela ação decisiva de seu "criador", ou seja, o narrador, esta personagem lúcida, contaminada pela corrupção da "ordem iníqua". Burlesco, falso, desiludido. o único pícaro desta história é seu narrador implícito, representante típico do enorme universo picaresco que nos apresenta.

Concluindo, queremos ainda afirmar que *O Grande Mentecapto* classifica-se entre os romances para-neo-picarescos e tem como personagens principais um narrador pícaro e Viramundo, seu Cristo carnalizado.